

Nova Mulher

Pelas modinhas, percebemos os costumes e hábitos do século XIX.

Poderíamos mesmo dizer que elas faziam a "Crônica" da cidade. A mulher, sempre cantada em versos e em prosa, é a figura de destaque dessas composições, cuja brejeirice e recato trazem o encantamento dos tempos passados.

Quando os paulistas namoravam com versos

PESQUISA DE ÉRICA KNAPP

Vamos "embarcar" na onda da nostalgia e reviver o São Paulo do século passado. Quer dizer: reviver o clima, a época da cidade embalada em modinhas que compunham o cenário de todo amor que se prezasse. As mulheres eram "cantadas" (sempre foram) mas em versos.

Escreveu Afonso de Freitas, autor de "Tradições e Reminiscências Paulistas" que muitas das modinhas eram soltas de censura ou repreensão, como esta:

"A mulata do 'senhô coroné'
"Bóta a 'chicra' e não 'bota' café;
"Botô mesa, 'cuié' não 'botô'
"Apanhê de chicote e 'chorô'".

Muitas eram de uma ingenuidade primitiva, decorrência da filosofia da nossa "calpira":

"Tico-tico no terreiro
Quando chove não se molha,
Onde tem moça bonita
"Prá ceia não se olha".

Ou aquelas que demonstravam uma profunda valorização dos sentimentos:

"Meu amor é um diamante...
Nem assim eu digo bem,
O diamante tem preço
Meu amor preço não tem".

Afonso de Freitas: "De todas as inspirações que temos colhido do vernejamento popular paulistano, a composição que maior dose de sentimento aborigine apresenta e que mais se aproxima do nosso bucolismo primitivo é a quadrinha:

"Quem me dera ser formiga
Daquela que come doce
Acompanhava meu benzinho
Por qualquer lugar que fosse".

De indiscutível origem roceira:
"Não mal digo das mulheres velhas
Porque foram lindas flores,
Agora são mães das moças
As moças são meus amores".

Pelas modinhas, percebemos os costumes e hábitos da época. Poderíamos dizer que elas faziam mesmo a "crônica" da cidade. Quando o programa obrigatório do domingo era ir à missa, oportunidade de ver os rapazes, mesmo sob os olhares severos ou "fechados" dos pais, surgiram as trovinhas:

"Toca o sino do Rosário
Repica o sino da Sé
Temos festa na cidade
As moças estão de pé:

Olhos pretos, olhos pardos,
Olhos azuis soberanos
São três castas de olhos
Que prá mim foram tiranos".

Impregnada de lirismo é a trovinha da:
"Morena dos olhos grandes
Não olheis prá mim chorando
"Mecê" pensa que não vos quero
E eu estou vos namorando".

"Menina, minha mequina
De minha veneração,
Não me cace na peneira
Que eu não sou seu camarão".

Mas as modinhas não eram só ingênuas e líricas. Muitas vezes eram extremamente galhofeiras — para usar um termo antigo. Hóspedes que se demoravam muito não era bem visto pelos paulistas:

"Hóspede mais de três dias
Instalação em casa alheia
Pagando com cortesia
Almoço, jantar e ceia,
Afora o quarto que habita...
Má visita".

Segundo Afonso de Freitas o paulistano do passado era refratário à sociabilidade convencional: só admitia convivência onde existisse amizade e só permitia expansões em relacionamentos muito íntimos. As famílias não saíam às ruas se não estivessem acompanhadas dos respectivos chefes. A dona-da-casa, por sua vez, só aparecia às visitas, se estas tinham também mulheres; caso contrário, apenas o dono-da-casa fazia às vezes de anfitrião. Era o sistema patriarcal imperando.

Para Afonso de Freitas, a "desconfiança — adquirida através dos ciclos centenários da colônia como consequência e ensinamentos das extorsões e insidias do colonizador — era ainda a nota predominante do caráter paulista".

Nos primeiros hotéis que se instalaram em São Paulo, só se hospedavam forasteiros: para a maledicência provinciana, as mulheres que lá aparecessem não poderiam deixar de ser "coisa" — como eram conceituadas as prostitutas.

Ainda em 1852 não existiam propriamente hotéis em São Paulo, senão apenas dois restaurantes, sem hospedagem: o do "Charles" e o "Fontaine".

Somente em 1855 começaram a aparecer os hotéis — "que dão hospedagem" como se dizia na época. Em 1857 já havia diversos: "Recreio Paulistano", "Universal", "Hotel do Comércio", "Paulistano" e o "Hotel da Providência". Na realidade, porém, estes hotéis não passavam de pequenas estalagens. Só em 1862 começaram a surgir estabelecimentos dignos de serem chamados de hotéis. Eram os hotéis da Itália, da Europa, do Globo.

A instalação da primeira via férrea trouxe grande movimento de forasteiros e viajantes; e em menos de dez anos este contingente já estava fixado à vida da cidade, trabalhando nas atividades urbanas da Paulicéia.

"SAPARIAS"

Afonso de Freitas:

"Na Paulicéia de há uns bons 50 anos passados, a ninguém se lograva: engodava-se, passava-se a perna, passava-se a manta. E os passadores da manta ficavam sendo cavoleiros; destes, os mais hábeis eram "levados da manta do diabo". Os engodados eram sempre "trouxas" e depois de terem levado a "rasteira", ouviam a recriminação: "Quem é cego não espia pato".

Em qualquer das classes sociais paulistas, rapaz ou rapariga eram filhos de negro; menino ou menina eram filhos de branco.

Moço significava filho de branco mas moça era sinônimo de pelintra, coisa, gente-à-toa, salvo os casos em que precedia o qualificativo "sinhá" ou "nhá". Sinhá-Moça era a filha do proprietário do escravo, que empregava a locução. "Nhá Moca" pertencia à classe dos tratamentos familiares carinhosos: "Nenê, Nhonhô", Sinhozinho, Sinházinha. "Yoyô", essencialmente baiano, não medrou em São Paulo.

Indiferente à coloração da pele, era o termo "moleque", aplicado a brancos, pretos ou mulatos. Em compensação "garotos" não existiram em São Paulo do século passado. Muito menos "malts". "Saparia" sempre houve: saparia do bairro da Liberdade, do Piques, do Lavapés, do Arouche. A "sapeação", costume que hoje classificariamos como o do rapaz que, de alguma forma se aproveita ou tira partido de um amigo ou de sua "roda", exigia grande dose de diplomacia em São Paulo do século XIX.

"PARTIDAS"

Na então provinciana cidade, dançava-se de preferência aos sábados: sob o pretexto de se comemorar um aniversário, casamento ou batizado.

Geralmente, as danças eram chamadas de "Partidas". Quando o programa era preparado com antecedência, exigindo a observação de determinado grau de etiqueta era o "baile". Quando organizadas à última hora era o sarau, brinquedo ou assustado.

A "sapeação" aos bailes e assustados consistia, para os rapazes não convidados, participar da festa através de artimanhas bastante hábeis.

Reunidos em grupos de quatro ou cinco, depois do espetáculo no velho teatro São José, os rapazes da época dispostos a se divertirem o resto da noite, saíam à procura de bailes. Deparando com um, os mocos se postavam à distância e um deles ia sondar as janelas da casa para ver se encontrava na festa algum conhecido. Descoberto este, o grupo se aproximava e chamava o anfitrião; e então, um dos "sapeadores", de chapéu na mão, todo cortesia, chamando "doutor" ao dono da casa (que retribuía igual tratamento) dizia que precisava falar urgentemente com o amigo que estava na festa. Este, voltando-se para o anfitrião, explicava que os rapazes do grupo eram seus amigos, mocos muito distintos, e que vinham buscá-lo para negócios de grande importância; "mas como acontecia estar comprometido a dançar mais um "schottisch" e uma "polka" e também uma "quadrinha", pedia que deixasse os amigos esperá-lo aí, no corredor".

— "Não, esperar no corredor amigos seus? de modo algum, acudia amável o chefe da casa: os doutores podiam entrar; que entrem, dançarão também enquanto esperam..."

Estava concluída a "sapeação". Ninguém se lembrava mais do "chamado urgente" e à saparia dançava até o baile terminar. Muitas vezes, eram os sapeadores os últimos a saírem depois de haverem passado pela mesa dos "comes-e-bebes" onde discursavam saudando o dono da casa e o "belo sexo", a Academia de São Paulo e os colegas ali presentes encerrando com o clássico "Hip! Hip! Hip!".

A "saparia" de São Paulo cabulava as aulas para ir ao banho no Tamanduaté, de preferência no trecho paralelo à rua do Glicério, entre a antiga ponte dos Ingleses e a capela de Santa Cruz.

Não havia "sapo" em São Paulo que não soubesse nadar muito bem. Os mais hábeis, os "sapos sarados", os "turonas" nadavam de braçada, de arranco, de bruços, de costas, de cachorro, de rã. Além da natação havia o jogo da peteca, praticado também pelas "meninas" da alta sociedade paulistana. Por isso, os versinhos:

As "petecas" tinindo
Mais outras subindo
"A peteca voava Se fechavam por dentro.
Tão linda e tão bela E as moças — sorrindo
E outra sobre ela Com penachos — luzindo
Passando encruzava, se grupavam no centro".



O pátio da igreja (de São Pedro, no Largo da Sé) serviu de cenário para tímidas conversas, que se transformaram em juras de amor e em casamentos.



Muitas modinhas surgiram. Programa obrigatório era ir à missa para ver os rapazes, de longe e de relance.

Quadrinhas, trovas, antigas, saraus, polcas e quadrilhas. Também época de requinte nas vestimentas



A rua Direita em 1862, era palco de muitos namoros embalados por canções brejeiras. E muita "saparia" dos rapazes, ávidos por participar dos "assustados" nos casarões coloniais.

das gorduras
realizadas.

... nas coxas

... 23 dias!